

# CARACTERIZAÇÃO CONCEITUAL DOS ESPORTES NA NATUREZA

Cleber Augusto Gonçalves Dias - ANIMA (UFRJ)  
Edmundo de Drummond Alves Júnior – ANIMA (UFRJ) / UFF

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os critérios conceituais que temos utilizado nas nossas investigações acerca dos esportes na natureza na cidade do Rio de Janeiro, no âmbito do Instituto Virtual do Esporte. Amiúde, trata-se da explicitação dos critérios de escolha e caracterização das práticas corporais que temos considerado sob o modelo conceitual de esportes na natureza. Em última análise, este trabalho se refere a um esforço de divulgação das nuances e vicissitudes polifônicas envolvidas e postas em jogo pelas novas e recentes configurações do fenômeno esportivo no quadro da contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** esportes na natureza; conceito.

## Introdução

Muito tem se falado do caráter polifônico do conceito de esporte. As ambigüidades e contradições conceituais geram consideráveis dificuldades para as teorizações acerca dos estudos do esporte. E ainda mais quando nos afastamos das práticas esportivas mais convencionais, como futebol, vôlei ou natação, por exemplo.

É esse o caso das práticas esportivas em ambientes naturais; os esportes na natureza. Particularmente nesse caso, tem-se questionado se a utilização do termo ‘esporte’ seria adequada para definir estas modalidades. Em linhas gerais, apresentam-se as idéias de que são práticas baseadas e motivadas por modelos corporais, objetivos, condições e espaço de práticas, diametralmente opostas aos ‘esportes tradicionais’ (BÉTRAN, 2003).

Para além destas polêmicas, que já abordamos numa outra oportunidade (DIAS; ALVES JÚNIOR, 2006), gostaríamos agora de explicitar os critérios conceituais que temos utilizado nas nossas investigações<sup>1</sup> para determinar as principais características do fenômeno que estamos considerando esportes na natureza.

### 1. Relação subjetiva com a natureza

Em primeiro lugar, é importante sublinhar que estamos interessados em estudar práticas corporais que acontecem em ambientes naturais. Diferentemente dos chamados (de maneira pouco rigorosa) esportes radicais, que podem acontecer em ambientes urbanos-artificiais, nosso interesse está circunscrito a atividades onde as condições territoriais sejam pouco estáveis e imprevisíveis.

Há um certo consenso em reconhecer que isto é mesmo um marco fundador e característico destes esportes. Isto é, eles não só acontecem em ambientes naturais, como deles dependem para efetivamente acontecerem (POCCIELO, 1999). Os elementos naturais não servem apenas de palco para a prática esportiva; não são apenas figurantes ou um

---

<sup>1</sup> Estamos nos referindo aos estudos desenvolvidos no âmbito do Instituto Virtual do Esporte (IVE), onde, inclusive, já apresentamos alguns resultados (DIAS e ALVES JÚNIOR, 2005a; 2005b). Para maior detalhamento ver também : [www.ceme.eefd.ufrj.br/ive](http://www.ceme.eefd.ufrj.br/ive) e [www.ceme.eefd.ufrj.br/espnat](http://www.ceme.eefd.ufrj.br/espnat).

suporte da aventura; é ela própria, a natureza, que vai determinar todos os acontecimentos esportivos.

Na verdade os elementos naturais como o vento, a onda, o empuxo e a gravidade, vão servir como propulsores dos deslocamentos ou deslizamentos envolvidos nas ações esportivas propriamente ditas. A tração humana não é eliminada, mas a ela é acrescida a força desses elementos. O caso do surfe parece-nos um bom exemplo para ilustrar esta situação: o surfista ao identificar a formação de uma onda que lhe parece adequada para suas manobras posiciona-se em condições que lhe permita aproveitar o impulso da onda e no momento certo inicia a remada<sup>2</sup> até o momento em que a onda – o elemento da natureza – o empurra em velocidade, sendo seu esforço propulsor já desnecessário. Agora é a onda que vai lhe guiar; são as forças da natureza que vão lhe empurrar.

Esta característica funcional é, muito provavelmente, a responsável pela criação de um imaginário que associa tais práticas esportivas aos discursos de preservação ambiental, que estabelecem uma ‘relação subjetiva do esportista com a natureza’.

A dependência do praticante em relação aos elementos da natureza forjaria uma espécie de ‘consciência ecológica’, já que o sucesso de todas as suas ações dependem diretamente de uma certa harmonia com os elementos da natureza. Nesse tipo de vivência “está em jogo muito mais uma relação de contrato, de negociação com os elementos da natureza, do que uma relação de domínio e controle” (VILLAVARDE, 2001, p.110). Logo, se estabeleceria uma relação muito mais contratual, de interdependência, se afastando da repugnante ética antropocêntrica de dominação e controle da natureza. Esta relação subjetiva seria então o próprio *ethos* esportivo destas atividades.

Para compreender melhor esta questão, é interessante observarmos mais detidamente os anos sessenta, onde o mundo assistiu uma vertiginosa proliferação do discurso de preservação do meio ambiente. E este discurso, assim como todo o ideal que a ele se assemelha, nos parece ter sido incorporado no perfil de várias práticas sociais, incluindo aí, algumas práticas esportivas.

No caso dos esportes na natureza, é curioso observar a proximidade dos períodos históricos que ambos os fenômenos compartilham. Para se ter uma idéia estima-se que em 1957 aproximadamente mil pessoas praticavam o surfe no mundo. Já em 1967 a estimativa é de que mais de um milhão de pessoas já praticavam o esporte. No mesmo sentido, na década de 50, algumas iniciativas de caráter ecológico, se sobressaem e ganham visibilidade<sup>3</sup>. E na década de 70, como resultado direto disso, multiplica-se a “fórmula ecológica” e uma série de outros elementos articulados nesse mesmo sentido, tais como a valorização de formas de viver em contato mais íntimo com a natureza.

A originalidade do início da década de 70 reside no aumento substancial do número de militantes no movimento ecológico que se somavam a sensível expansão dos interesses da pauta ambientalista. Sem mencionar a aceitação cada vez maior destes discursos como uma instância de mobilização social e política. Este momento marca profundamente o

---

<sup>2</sup> Movimento propulsor inicial realizado com os braços pelo próprio surfista, quando este ainda encontra-se deitado na prancha.

<sup>3</sup> Destacam-se aqui as iniciativas do mergulhador Jacques Costeau, especialmente suas experiências de mergulho associado a filmagens submarinas com o claro objetivo de mostrar as belezas marinhas ao grande público, da qual o filme “o mundo do silêncio” que vencera a Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1956 é um grande expoente.

momento de glória da ecologia mundial. Em 1972 a realização da Conferência de Estocolmo simboliza a entrada definitiva das questões ecológicas como assunto oficial nas agendas políticas.

São muitos os motivos para explicar essa explosão do número de participantes na militância ecológica. A crise do petróleo de 1973 destaca-se sobremaneira nesse quadro. Essa crise desencadeou uma corrida pela produção de energia nuclear e em contrapartida o combate antinuclear. Esta mobilização acaba conferindo uma certa identidade coletiva as contestações das entidades ambientalistas, que até então, eram muito dispersas.

Mais recentemente, toda essa dinâmica parece ter ganhado outras proporções. Atualmente podemos observar uma espécie de “ecologização social”. Uma penetração da problemática ambiental em quase todos os setores da vida humana. Um discurso de contestação generalizada, endereçados a todo o sistema de valores culturais do Ocidente. Perecem mesmo ideais herdados diretamente dos movimentos libertários da década de 60, da qual a contracultura e o próprio ecologismo são duas expressões facilmente comensuráveis. No documentário *Riding Giants*, o diretor Stacy Peralta mostra-nos como nesse período, jovens norte americanos - na esteira dos questionamentos ao *modus vivendi* instituído inaugurado pelos hippies - abandonavam a possibilidade de construção de sólidas e promissoras carreiras para se entregarem aos prazeres do surfe no Havaí e nada mais. Trazemos este exemplo para tentar evidenciar a injunção entre a consolidação e difusão dos movimentos sociais do final da década de 60, especialmente a contracultura, o ecologismo e a emergência dos esportes na natureza.

A convergência temporal, o compartilhamento de um mesmo período histórico entre essas duas expressões nos encoraja a reiterar a idéia de relações recíprocas entre ambos. O final da década de 60 e início de 70 é apontado como o período histórico que marca simbolicamente o início da ecologia como um movimento social integrado e de alcance internacional. Do mesmo modo, a expansão dos esportes na natureza é identificada neste período como um novo comportamento esportivo em âmbito mundial.

Mas talvez ainda seja preciso explicitar um pouco mais estas similitudes. Nesse sentido, além do fato de ambos se originarem em categorias sociais muito bem determinadas, o que não passa de uma analogia superficial, interessa sublinhar que o modelo de organização preferencialmente assumido por estas práticas foi inicialmente o associativismo. “A sensibilidade ecológica diz respeito também ao movimento associativo” (ALPHANDÉRY, BITOUN e DUPONT, p.51). Não por acaso, as associações mais diretamente ligadas aos esportes na natureza, como os clubes de excursionismo por exemplo, mantêm profundo interesse por assuntos ecológicos. No Rio de Janeiro, isto se manifesta de maneira muito nítida quando estas associações assumem a disseminação e a divulgação de informações, valores e conhecimentos ecossistêmicos. Em muitas situações, os clubes apóiam e organizam movimentos para preservação de encostas, seja através de um esforço permanente na divulgação e sensibilização aos danos causados neste ecossistema, seja na organização de mutirões para limpezas, ou mesmo, assumindo o papel de fiscalização e de denúncia contra irregularidades.

## **2. O desejo de aventura**

Citemos agora uma segunda característica importante a ser considerada como uma das motivações fundamentais destas práticas: o desejo de aventura. “Todo homem carrega em si o desejo de desafiar, desbravar, soltar-se das amarras da realidade para voar com a

liberdade” (SOUZA, 2004, p. 65). Pois, se de uma maneira geral, a prática esportiva sempre foi dotada de um certo desejo de ‘inversão cerimonial e ritualística’, isso parece aprofundar-se nos esportes na natureza. Expliquemos melhor.

A crescente necessidade de arrefecimento das pulsões de violência e agressividade, equacionada pelo processo de pacificação social, a que Norbert Elias denominou “processo civilizador”, foi imposta pela complexificação e interdependência da vida coletiva. Este processo deu ao esporte uma importante função. Doravante, seria no âmbito esportivo que os aspectos mais intimamente relacionados às vivências de emoções se desdobrariam. O processo de afastamento dos aspectos biossociais da vida humana para a margem da sociedade; a eliminação das manifestações de emoção e de qualquer outro aspecto que nos remetesse a um lado mais sombrio e obscuro da condição humana da cena pública foi denominada por Elias como “barreiras civilizatórias”, e criaram, segundo o mesmo autor, uma espécie de antipatia muda a todos esses elementos.

Entretanto, tudo isso pressupõe um custo psicológico relativamente grande, pois enquanto avança o processo de controle dos instintos pela racionalidade, maior seria o desarranjo psíquico desencadeados nas pessoas que a ele se submetem. Por isso mesmo, quanto mais civilizada uma sociedade maior é a exigência de espaços especificamente destinados à vivência de emoções (ELIAS e DUNNING, 1992).

Neste sentido as práticas esportivas preenchem importantes funções sociais, que segundo Proni (2002), são comumente categorizadas em “funções manifestas, latentes ou agonísticas”. Estas funções dizem respeito à supressão das necessidades de atividade física; a compensação do estresse provocado pela rotina de trabalho e a satisfação “dos instintos mais profundos do ser humano, o instinto combativo, que está relacionado à luta pela sobrevivência e ao impulso sexual” (p.45), respectivamente. Em outras palavras são espaços destinados a excessos e euforias coletivas. É o espaço conclamado a inverter e alterar os tabus do mundo cotidiano e coloca-lo literalmente do avesso. São lugares de “descontrole-controlado”.

Ainda que tais elementos tenham sido relegados a um segundo plano da cena social, pode-se dizer que eles sempre estiveram presentes. Nas manifestações das vanguardas artísticas, nas festas religiosas reservadas aos excessos ou mesmo nas práticas esportivas.

No entanto, se os esportes de uma maneira geral cumpriram até aqui tais funções, alguns afirmam que estamos diante de um processo de contaminação destes espaços por processos de sublimação e controle. Huiziga chamava atenção para isso quando afirmara que nas sociedades contemporâneas existe uma enorme dificuldade em caracterizar uma atividade como sendo lúdica. E isso pode ser ainda mais grave no caso do esporte, pois este é um jogo sujeito a um sistema de regras racionalizáveis, ou seja, regularmente organizadas. Portanto, o esporte representa por vocação, a passagem do divertimento ocasional para uma experiência existencial institucionalmente organizada. Uma verdadeira regulamentação dos passatempos (ELIAS; DUNNING, 1992).

Mas não estamos sugerindo que por conta disso as práticas esportivas perderam completamente seu elemento lúdico capaz de satisfazer os desejos de emoção. Se isso fosse verdade, provavelmente estes esportes não atrairiam a atenção apaixonada de tantas pessoas. O que estamos verdadeiramente tentando evidenciar é que parece que estamos diante de uma dinâmica social que vai paulatinamente, quase imperceptivelmente,

pressionando estas práticas a se submeterem, de maneira um tanto exagerada, mais do que o convencional, ao jugo do controle racional.

Contudo, todos os homens carregam em si esse desejo. E ao passo que tal ou qual espaço vai sendo 'docilizado', novas táticas de enganação vão sendo entabuladas contra as iniciativas de controle racional milimétrico. Novos espaços vão sendo criados para essa "busca da excitação". Uma espécie de substituição e criação de novos fluxos de emoção. E "a aventura vinculada ao risco é [ou pode ser] fundamental para manter um grau elevado, de excitação neste esporte" (SOUZA, 2004, p. 114).

A inversão vertiginosa e acrobática do corpo, tão presente nos esportes na natureza, apresentam-se como um substituto à altura dos espaços tradicionais de "descontrole-controlado". Nesse caso, a incerteza da aventura transforma-se num disseminador destes esportes. A incerteza e a imprevisibilidade da aventura esportiva reanima a liberdade do lúdico. Os jogos e os 'esportes radicais' (sic) operam no limite dessa busca regrada de excitação que caracteriza os demais esportes (CARRANO, 2002, p. 121).

Os impulsos lúdicos, caracterizados fundamentalmente pela busca por prazeres e pelo seu caráter desinteressado, manifestam-se, no caso específico dos esportes na natureza, pelo desejo de aventura. O prazer da aventura lúdica se realiza pelo desejo de embriaguez e da necessidade humana da vertigem. Daí a compreensão destes esportes como sendo "jogos vertiginosos", que nada mais são do que jogos que permitem experimentar, ao menos temporariamente, transtorno de estabilidade e de equilíbrio corporal, através de sensações de susto e pânico psicológico (CAILLOIS, 1990).

Estas manifestações das "pulsões lúdicas" ainda guardam outras particularidades, entre as quais destacamos sua contemporaneidade, como bem afirma Callois (1990) "apenas com a época industrial a vertigem pode converter-se numa verdadeira categoria de jogos [...] sendo a única e autêntica invenção moderna do campo dos jogos" (p. 57). Isso porque suas práticas dependem sobremaneira de uma série de implementos e avanços tecnológicos. Sendo a necessidade de equipamentos de alta tecnologia mesmo uma outra característica fundamental e marcante para a compreensão dos esportes na natureza.

### **3. Necessidade de alta tecnologia**

A ampla difusão destes esportes só aconteceu graças à possibilidade de implementação de novos avanços científico-tecnológicos em seu interior. Especialmente na elaboração de novos equipamentos. O uso de novas tecnologias, além de diminuir sensivelmente os riscos de acidente, permitem o surgimento de novos equipamentos que, por sua vez, permitem aventuras esportivas cada vez mais audaciosas.

Aliás, uma significativa parte das transformações desencadeadas na década de 1960 pode ser atribuída às mudanças tecnológicas que estavam em andamento e que transformariam absolutamente a vida cotidiana. A maioria dos produtos que revolucionaram a vida no planeta tinha origem na tecnologia militar desenvolvida para a Segunda Guerra Mundial (HOBSBBAWM, 1998). Alguns produtos que já haviam entrado em produção antes do início da guerra como o náilon, o poliestireno e o politeno, puderam se multiplicar de maneira ainda mais sofisticada e com notável penetrabilidade social, fruto do próprio processo de produção em escala industrial.

Este "terremoto tecnológico" também se faz sentir, evidentemente, no campo do lazer, como por exemplo, nos veleiros, que, aliás, se transformaram completamente. "Seus mastros e castros, velas e cordames, o equipamento de navegação pouco ou nada tinham em

comum com os barcos do entreguerras, a não ser na sua forma e função” (HOBBSAWM, 1998, p. 261).

A implementação de novas tecnologias na fabricação de equipamentos para o surfe também pode nos servir como um exemplo nesse mesmo sentido. Assim, citemos a criação da espuma de poliuretano em 1956, que substituiu a madeira na fabricação de pranchas de surfe, tornando-as mais leves e conseqüentemente mais fáceis de manobrar. Mais tarde, outros produtos químicos viriam a se acrescentar como o poliestireno, o epox, o poliéster e o mekp (peróxido de etilmetil cetona). Produtos químicos que servem como catalisador da resina de poliéster e passam a fazer parte do cotidiano da fabricação das pranchas.

Sobre a predominância de transmutações de caráter alquímico, citemos novamente Eric Hobsbawm que nos afirma que “as principais inovações que começaram a transformar o mundo assim que a guerra acabou talvez tenham sido as do setor químico e farmacêutico” (ibid. p. 265).

No surfe, as inovações não paravam de surgir. Em 1971, surgia “o strep”, uma corda elástica que presa ao tornozelo impede que em caso de tombos a prancha seja levada pelas correntezas, dando fim ao desagradável costume dos surfistas de nadarem muitos metros para alcançar suas pranchas perdidas. Um pouco depois, a utilização da vibra de vidro para o revestimento das pranchas diminuiu ainda mais o seu peso e as tornou mais resistentes a impactos. Atualmente a utilização de computadores com programas especificamente elaborados para moldar o bloco das pranchas permitem sua fabricação, antes artesanal, em escala industrial. Tudo isso, sem mencionar a confecção de roupas com a tecnologia do *neoprene*, uma borracha bastante flexível que permite liberdade de movimentos, proteção térmica além de impedir a passagem da água.

Para não limitarmos nossa análise as tecnologias do universo do surfe, citemos o processo similar que ocorreu na esfera do montanhismo. Quando verificamos o equipamento dos escaladores da década de 20, envoltos na cintura com cordas de sisal e usando botas desconfortáveis, pode-se imaginar o grau de dificuldade que estes ‘homens’ (inicialmente praticamente não havia mulheres) encontravam. Já nos últimos vinte e cinco anos, novos equipamentos possibilitaram novas maneiras de escalar. Nesse sentido, podemos considerar, fundamentalmente, dois tipos de materiais: o nylon e o duro alumínio.

O nylon contribuiu, entre outras coisas, para a nova concepção das cordas, que tanto concedem sustentação ao corpo do praticante em situação de quedas quanto auxiliam na superação de determinados obstáculos. O novo material permitiu, além do aumento da variedade de cordas, que elas ficassem cada vez mais leves e resistentes.

A ‘cadeirinha’ é outro material importante para o escalador e que, associada à elasticidade dos novos tipos de corda, teve sua resistência e sua ergonomia ampliadas, atenuando os impactos e o sofrimento do escalador diante de uma eventual queda.

O avanço dos mosquetões, que se tornaram mais leves e seguros com suas travas de segurança rosca ou auto-blocks; o surgimento das fitas, que permitem a ancoragem do escalador na rocha no decorrer da escalada; são também exemplos notáveis do avanço de todos esses materiais.

Todas essas tecnologias contribuíram para a confecção de equipamentos que aliavam conforto e segurança. Em suma, o surgimento de equipamentos de alta tecnologia, além de tornar as práticas de aventura menos tortuosas e muito mais seguras, permitiam também o surgimento de novas modalidades que iriam se somar à criação desse novo

comportamento, tal como a prancha a vela que daria origem ao wind surfe ou as pipas gigantes (kites) que originariam o kitesurfe. O aumento da segurança juntamente a possibilidade de fabricação de novos equipamentos e em grande escala, possibilitava um incremento para a difusão internacional dessas sub-culturas esportivas. Assim, o advento destas novas tecnologias desempenha um papel central na compreensão do fenômeno dos esportes na natureza.

### **Considerações Finais**

A aceitação destes três elementos como características fundamentais dos esportes na natureza não resolve os dilemas e desafios inerentes ao próprio conceito de esporte como um todo. Em que pese à incapacidade de definir-se com precisão o que de fato são os esportes, ou mais especificamente, os esportes na natureza, a identificação de algumas características gerais e marcantes deste recente fenômeno social já nos permite ao menos firmar alguns acordos mínimos sobre o que é ou não um esporte na natureza. Desse modo, somos capazes de identificá-los e inseri-los na nossa classificação. Podemos eliminar com segurança certas práticas que não se ajustam ao nosso modelo conceitual, como, por exemplo, o vôlei e o futebol de praia. Estes, apesar de se realizarem em ambientes naturais, ainda seguem o 'padrão esportivo' tido como tradicional. Neles, o ambiente natural não desempenha um papel central e decisivo para as ações esportivas; serve apenas como palco. Pelos mesmos motivos, desconsideramos práticas como o jet-sky e o wake board, já que ambas utilizam-se de embarcações motorizadas para o deslocamento dos praticantes. Por motivos contrários, ou seja, pela utilização única e exclusiva da força propulsora dos próprios atletas para o deslocamento, também desconsideramos o remo.

Outro exemplo: o skate, que é dotado de elementos de risco e aventura - fundamentais na nossa caracterização dos esportes na natureza - mas em contrapartida, é desprovido de outros elementos igualmente fundamentais, como a relação subjetiva com a natureza. Paulatinamente, percebíamos que possuir apenas uma das características que explicitamos acima, não seria suficiente para compreender determinadas práticas como pertencentes ao campo específico dos esportes na natureza. Logo, adotamos o critério de que para incluir uma prática no hall de nossas investigações, seria preciso encontrar todas as três características mencionadas, somadas e justapostas.

Por fim, para evitarmos possíveis más interpretações, lembremos, juntamente com Peter Burke (2002, p. 46), que modelos são construções intelectuais que simplificam a realidade com o objetivo de entendê-la. A simplificação é a razão de ser dos modelos. Assim, o uso de determinados conceitos pode ser muito rico para se fazer referência a um conjunto de características compartilhadas por um determinado fenômeno sociocultural. Entretanto, a ênfase no compartilhamento de características não deve ser entendida como um desejo de ocultar ou suplantiar as particularidades. O fato de determinados fenômenos, diferentes entre si, serem compreendidos dentro de uma mesma categoria de análise não significa a negação da pluralidade de significados. Ao contrário, reconhecemos que dentro da subcultura dos esportes na natureza existe uma infinidade de sentidos possíveis.

Sua própria compreensão como uma subcultura, isto é, "uma cultura dotada de autonomia parcial inserida em um todo de maior parte" (BURKE, 2002, p. 174) evidencia o tipo de entendimento que gostaríamos de dar a estas práticas. Além disso, a categoria por nós adotada - a de esportes na natureza - não se pretende um modelo absoluto.

Ainda assim, reconhecemos que talvez isso ainda não seja suficiente. Provavelmente, apesar do nosso esforço nesse sentido, ainda será preciso aprofundar e ampliar as explicações dos critérios de escolha para a criação dos modelos conceituais destes esportes. Mais ainda, será preciso considerar que as reflexões que daí decorrem, podem não ter validade universal e só se aplicarem em situações muito específicas. Em última análise, será preciso continuar testando estes modelos em contextos bem determinados, como temos feito no Rio de Janeiro. E após exaustivas confrontações empíricas, aplicá-los em circunstâncias as mais diversificadas possíveis. Talvez assim, sejamos capazes de construir um modelo conceitual que não seja uma mera abstração teórica, mas que ao invés disso, consiga dar conta de expressar, semanticamente, com a máxima precisão possível, o sentido atual que os esportes vêm assumindo no mundo contemporâneo. Trabalho minucioso, sistemático e paciente; e que, evidentemente, terá que ser feito a muitas mãos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre e DUPONT, Yves. **O equívoco ecológico: riscos políticos da incoseqüência**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 39.
- BETRÁN, Javier Oliveira. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza**. IN: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa. Turismo, Lazer e natureza, São Paulo: Manole, 2003. p.164.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002. CALLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CARRANO, Paulo. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2002.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Conceptual notes regarding the sports in nature. **The FIEP bulletin**, v. 76, 2006. pp. 141-144
- \_\_\_\_\_. Surfe e esportes na montanha: sua prática na cidade do Rio de Janeiro. In: Seminário o lazer em debate, 6., 2005, Belo Horizonte. Lazer e mercado. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005a. p. 129-137
- \_\_\_\_\_. O Vôo livre no Rio de Janeiro: uma visão panorâmica. In: CONGRESSO DE ENGENHARIA DO ENTRETENIMENTO, I. **Anais...** (CD-ROM). Rio de Janeiro: UFRJ/LEE, 2005b.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Conceptual notes regarding the sports in nature. **The FIEP bulletin**, v. 76, 2006. pp. 141-144.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- POCIELLO Christian. **Sports et sciences sociales**. Paris: Vigot, 1999.
- PRONI, Marcelo W. **Brohm e a organização capitalista do esporte**. IN PRONI, Marcelo W. e LUCENA, Ricardo.(orgs.) Esporte: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- SOUZA, Fabiana R.de. **O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem**. São Paulo: Zouk, 2004.

VILLAVERDE, Sandoval. **Corpo, lazer e natureza**: elementos para uma discussão ética.  
In: BRUHNS, Heloísa T. & GUTIERREZ, Gustavo L. Representações do lúdico.  
Campinas, SP: autores associados –UNICAMP, 2001.